



SUBSÍDIOS

As mãos e a palavra do povo. Cultura e religiosidade na linguagem popular
Hands and Words of the People. Culture and religiousness in popular language

José J. Queiroz*

Resumo: Este texto versa sobre a relação entre as palavras e as mãos na linguagem popular, tendo como pano de fundo a cultura e a religiosidade. Inicia apontando a relevância das mãos para o ser humano, que vão além da anatomia e se tornam instrumento de transformação, de produção de cultura em seus vários aspectos. Em seguida, mostra que a palavra do povo expressa uma cultura eminentemente manual, inclusive em suas manifestações religiosas. Enfim, oferece alguns exemplos de expressões populares que encerram essa cultura manual. Essas exemplificações incluem desde termos que o povo privilegia e espelham o labor manual até os que expressam uma situação de opressão, como o uso do presente em vez do futuro, e a mutilações da sintaxe, até as expressões que contêm um recôndito anseio de resistência e a vontade de superar a sociedade que discrimina e explora.

Palavras-chave: Palavra, mão, cultura, religiosidade, exemplificação.

Abstract: This paper deals with the relation between words and hands in popular language, having culture and religiosity as backgrounds. It begins by pointing out the importance of the hand for the human being, which goes beyond anatomy and becomes an instrument of transformation and production of culture in its various aspects. Then it points out that the popular language expresses an eminently manual culture, even in its religious expressions. Finally it shows some examples of popular expressions that include a manual culture. These examples include terms that people most greet and express manual labor, like using verbal present instead of future and the mutilation of syntax. They also include expressions that involve a hidden longing of resisting and the will of overcoming a discriminating and exploring people society.

Keywords: Word; hand; culture; religiosity, examples.

Introdução

* Mestre em Filosofia e Teologia. Doutor em Direito. Professor Titular e Emérito da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, atuando como professor no Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião. queiroz@pucsp.br

Desenvolveremos este trabalho em três quadros. No primeiro, refletiremos sobre o sentido das mãos. No segundo, estabeleceremos uma relação entre as mãos, a cultura popular e a religiosidade na linguagem do povo. No terceiro, oferecemos alguns exemplos concretos da linguagem “manual” que caracteriza a cultura popular. Este estudo contém os principais tópicos de uma palestra proferida para alunos do Curso de Letras da Universidade Católica de São Paulo em disciplina oferecida pela Professora Dra. Ana Maria Marques Cintra.

As mãos

Acostumados com nossas mãos, a sua importância nos passa despercebida. Entretanto, já o grande Aristóteles fazia notar o sentido profundo das mãos humanas:

Se o homem é o mais inteligente dos seres vivos, é exatamente porque tem mãos. A superioridade da mão provém de sua capacidade de utilizar grande número de instrumentos e converter-se, desse modo, em um instrumento dos instrumentos.¹

Na evolução das espécies, o homem prepondera e domina o mundo pelo emprego das mãos. Enquanto os evolucionistas vinculam a evolução do homem à libertação das mãos pelo porte ereto do corpo, os antropólogos associam as mãos ao trabalho. O trabalho é a atividade do ser humano por excelência. Trabalhando, o homem liberta as suas mãos, e as mãos, ao trabalharem, libertam o homem do jugo da natureza e dos elementos e o tornam sujeito da história. Engels, em sua *Dialética da Natureza*, afirma que a transformação do mundo natural só pode ser realizada graças à mão. A nobreza da mão humana não é algo puramente anatômico. Decorre de sua estreita vinculação com a inteligência. Essa íntima relação eleva a mão como produtora não só da cultura material, econômica, mas também da cultura espiritual. Os instrumentos, que o homem vem usando, desde os mais simples, como um cajado, até os mais sofisticados, como um robô, não são nada mais do que o prolongamento das suas mãos guiadas pela força da inteligência.

A cena inicial do Filme 2.001, *Uma odisseia no espaço*, relata, com a peculiar maestria de Kubrick, o mistério das nossas origens. Os primatas brigam pela posse da água. Ao lado da lagoa, uma ossada. Um dos primatas intui a possibilidade de usar ossos como instrumento. Agarra um deles. Percebe a força extraordinária da sua mão ao servir-se daquele primitivo instrumento. Nasce então o “homo Faber” e o “homo

¹ ARISTÓTELES, De Anima, Livro III, cap. IV).

sapiens”. Agora as suas mãos podem matar e matam. Podem criar e criam. Deslumbrado pela descoberta, o primata, agora homem, sai brandindo aquele rude utensílio. Este lhe escapa das mãos, voa pelos ares e, de súbito, se transforma numa nave espacial, o mais moderno veículo que permite ao ser humano empreender a grande aventura da conquista do universo. E aí tem início a odisséia cósmica filmada pelas mãos do grande cineasta.

Os campos e as cidades, as maravilhosas obras da arquitetura, da pintura e da escultura, o som musical, os veículos, as máquinas, os aparelhos modernos, a eletrônica e a informática, a robótica, enfim, as civilizações ao longo dos séculos, desde as mais rudimentares até o fantástico desenvolvimento dos nossos dias, tudo é fruto das mãos que imprimem na natureza a marca indelével do humano. As mãos aproximam os homens. Transmitem afeto, carícia, amor. O contato das mãos é preâmbulo e ingrediente necessário na relação amorosa. Religam (de “religare”, matriz do termo “religião”) também o homem ao Divino. A atitude de prece em geral é acompanhada da elevação das mãos quase a simbolizar o desejo do homem de tocar o Infinito. Há uma gama de metáforas, a partir das mãos, indicadoras do “ethos” humano: “mão aberta” é o generoso; “mão fechada” é o sovina; mão-de-obra é sinônimo do trabalhador e pode ser barata, escassa, cara, explorada ou dignificada. Para quem acredita em quiromancia, nas mãos é possível ler estampado o passado, o presente e o futuro. Basta saber decifrar.

Infelizmente, passam também pelas mãos do homem a violência, a destruição, o ódio, desde o primeiro homicídio relatado pela Bíblia – Caim assassinando o próprio irmão - até a mais horrível matança provocada pela explosão da primeira bomba atômica, que, em segundos, ceifou mais de cem mil vidas: idosos, crianças, adultos, jovens. Enquanto mãos assassinas continuam dizimando a natureza, o habitat do homem, as vidas e as esperanças, nas mãos do homem está o construir de um futuro mais tranquilo e promissor para a humanidade.

Cultura manual e religiosidade na palavra do povo

A linguagem é um produto cultural. Pela cultura erudita, acadêmica, construída e transmitida mediante o ensino formal, forja-se a linguagem letrada, alfabetizada, regulada, gramaticada, às vezes sofisticada, perfeita nem sempre, mas corrigida e corrigível segundo os cânones da linguística. Está nas obras literárias, de ficção, científicas, nos dicionários e gramáticas, na mídia, no cinema, no teatro... Já a cultura do povo, imersa na concretização e materialidade da vida, construída quase sempre fora da academia, com o suor do seu rosto, o brilho da sua inteligência criativa e a habilidade das suas mãos, se expressa em uma linguagem peculiar, escrita ou falada, mais oral do

que escrita, porque o nosso povo é ainda em grande parte iletrado. Claro está, portanto, que entender a linguagem do povo requer um mergulho fundo na sua cultura.

Cultura eminentemente manual, também a linguagem do povo é reflexo das suas mãos. O erudito fala com o saber e a gramática. O povo fala com as mãos. Linguagem não gramaticada, misto de inteligência e coração, pensar e sentir, alegria e sofrimento, esperança e resignação, ódio e amor. Quando digo que o povo fala com as mãos, trata-se evidentemente de uma metáfora para apontar três traços relevantes da cultura popular, que se refletem na sua linguagem. É uma cultura material. Na labuta diária, o povo lida constantemente com a matéria, a terra, se lavrador, as máquinas, se operário ou profissional. Afã de cada dia, do qual tira o seu sustento e, muitas vezes, a sua pauperização. Daí decorre o senso prático aguçado, realismo extraordinário, percepção dos seus limites e possibilidades, sabedoria não abstrata, empírica, concreta. Por isso, a sua linguagem é a linguagem da vida real, expressão da luta diária pela sobrevivência.

Entretanto, não é apenas, a do povo, uma cultura material. Manifesta-se também carregada de espiritualismo, de animismo, traços que se fazem marcantes na sua linguagem. Embora mergulhado na era tecnológica, sob constante bombardeio da mídia, que seculariza a vida e encara o ser humano como máquina “desejante” dos produtos de consumo não duráveis, a cultura do povo ainda resiste e persiste profundamente encantada (para usar uma expressão de Max Weber), envolta no mistério, no divino, nas forças sobrenaturais, que regem e amparam o seu cotidiano de sofrimento.

Mesmo habitando a cidade grande, o povo conserva traços rurais indelévels, tais como o respeito pela natureza e seus ciclos, o dia e a noite, a lua e suas fases, a chuva e a seca, o transcorrer biológico da vida, infância, juventude, idade adulta, velhice; a floresta, o mar e as marés, o rio e as cachoeiras. Daí a grande atração sobre o povo dos cultos afrobrasileiros, que lidam com esses elementos naturais, biológicos e místicos. Daí também a tendência inata para o sincretismo, a viagem de uma religião a outra, de um culto a outro.

Lançando um rápido olhar pelos cultos religiosos, observamos que na missa católica o povo orante ergue as mãos para recitar o Pai Nosso, dá o abraço da paz e faz o sinal da cruz para receber a bênção do sacerdote. Nos cultos pentecostais, os crentes levantam os braços para implorar as graças, o pastor impõe as mãos para afugentar o demônio ou para praticar a cura. Nas religiões mediúnicas, os passes transmitem pelas mãos as energias e os médiuns escrevem psicografando mensagens do além. Nos santuários católicos, há capelas repletas de ex-votos, a maioria deles feitos artesanalmente pelas mãos dos devotos que agradecem e pagam suas promessas. O muçulmano ora a Alá com as mãos voltadas para a Meca.

A cultura popular é também marcada por uma visão cíclica do homem e do mundo. Nada morre. A vida humana, a biológica e a vegetal constituem um eterno renascer. Morrer é apenas passagem para outro estágio de viver. Viver é um contínuo ir e voltar.

Por isso, o Antropólogo Carlos Rodrigues Brandão, numa pesquisa relatada na obra *Misticismo e Novas Religiões*, constata que 80% dos entrevistados, mesmo declarando-se católicos, acreditam na reencarnação com a maior naturalidade.

Um estudo profundo da linguagem popular deveria sempre levar em conta esses traços fundamentais da sua cultura: materialidade, manualidade, espiritualismo, para evitar o risco de permanecer na superfície e cometer enganos. Exemplo de consequência funesta desta superficialidade é o caso Galdino, com o qual tive ocasião de lidar, quando assessor da Comissão Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo, episódio também relatado por Marilena Chauí em seu livro *Conformismo e Resistência*.

Galdino, camponês do interior do Estado de São Paulo, foi preso, em 1979, pela Polícia Militar, julgado e condenado como louco e perigoso e incitador de ocupações de terra. A sentença se baseia no laudo psiquiátrico, obra prima da tolice e do total desconhecimento da cultura popular. Diz o laudo: trata-se de sujeito dissimulado (seu olhar é fugidio); retardado mental (porque de pouca verbalização, usando mais as mãos do que as palavras); e perigoso (porque sorria diante das perguntas que se lhe faziam).

O douto psiquiatra nada entendeu do jeito popular e do código da cultura cabocla. Para o matuto, olhar no olhar é sinal de desrespeito. Daí o seu olhar fugidio diante do perito. Falava mais por gestos porque, na sua cultura, as mãos possuem um código muito mais revelador de significados do que as palavras. O povo fala muito mais com as mãos do que com a boca. E o sorriso, evidentemente irônico, em vez de debilidade mental, estava a indicar a distância entre a sua compreensão popular das coisas e o pseudo saber do psiquiatra²

Exemplificando

Nos quadros anteriores, relacionamos as mãos, a cultura popular e a linguagem do povo. Neste último segmento, oferecemos alguns exemplos da linguagem “manual”, que caracteriza a fala do povo. Frequentando reuniões populares, ouve-se com muita frequência uma palavra peculiar e repleta de significado. É o termo “lascado”. Em linguagem erudita, diríamos: “frustrado”, “explorado”, “oprimido”. Mas nenhum desses adjetivos expressa o vigor e a materialidade do termo “lascado” para designar a existência “arrebetada” do povo pobre. É como se ele fora um pedaço de madeira ou de pedra do qual o sistema violento e opressor arranca lascas.

² M.Chauí, *Conformismo e Resistência* p. 36.

Traço interessante do linguajar popular é a simplificação das flexões nominais e verbais. Exemplos: “cê” (você); “fazê” (fazer); “robá” (roubar); “afroxá” (afrouxar). Indaga-se entre os eruditos a razão desta “falha morfológica”. Autores preconceituosos não hesitam em atribuí-la às origens da nossa cultura. Decorreria ela da indolência do índio, que calou fundo em nossa linguagem. Ou então teria sido a preguiça do negro e do mestiço a reduzir, pela lei do menor esforço, a inteireza do nosso vocabulário. A leitura crítica e dialética da nossa linguagem aponta outra explicação. Séculos de opressão do índio, do negro, do camponês, do operário, emudecidos pela violência da dominação, foram provocando uma denúncia indireta, um silencioso protesto que se expressa na sua fala mutilada, como se fora um “não” e um “basta” contra uma sociedade deformada e deformante do ser humano.

A sintaxe também é outro campo em que a linguagem popular expressa a materialidade do seu existir. Sujeito no plural, verbo no singular, uma constante discordância linguística. “Nois faiz”, “os homi vai”; “as muié trabaia”, etc. Por quê? A grande sintaxe do povo é a preocupação em concordar ou ajustar o seu parco salário com o alto custo de vida. Como essa concordância jamais existe, a sua linguagem fere a sintaxe, quase para significar, inconscientemente, que a sua vida está partida, ferida e as partes do todo social não se ajustam como deviam. É fácil também notar que, na língua do povo, o imperativo verbal é quase inexistente. A sua fala soa mais como uma súplica com o verbo no indicativo do que com formas imperativas. Em vez: “não faça isso”, ouve-se com frequência: “num faiz isso não”. Em vez de “traga-me aquela escada”, ele diz: “Cê pode trazê aquela escada pra mim”.

Povo acostumado a ser mandado e humilhado, sempre manipulado, impossibilitado de mandar em sua vida e em sua história, a sua linguagem foi assumindo um caráter quase de súplica, de pedido. Sempre notei com muita curiosidade que o linguajar do povo quase não usa o futuro verbal. Não diz: “nós iremos amanhã”, mas “nois vai amanhã” ou “nois vai pegá no batente bem cedo”. A vida “lascada” tem poucas perspectivas. O futuro é sempre incerto. Resta o seu verbo no presente, expressão de um dia a dia de luta, de algumas vitórias e muito sofrimento. Há muitas outras expressões da materialidade da palavra do povo, cujo elenco seria interminável. Mais alguns exemplos apenas entre aqueles de que eu mais gosto: o caboclo não diz que vai “trabalhar”. Ele vai “tocá” a rocinha. A mãe não “amamenta” a criança. Ela “dá” o peito. O pai não “reprende” o filho. Ele “mete bronca”. E assim por diante.

Considerações finais

Ao findar, não quero deixar a impressão de que a linguagem do povo seja apenas um expressar pessimista e sem saída de uma existência sem sentido. A cada instante

aflora a esperança. “Se Deus quisé”, o povo vai dizendo e repetindo com fé em dias e tempos melhores. E sempre com muita gratidão: “Deus lhe pague”.

Por trás e bem lá dentro da fragmentação do seu idioma, vai se construindo uma misteriosa e extraordinariamente rica unidade. Por isso, finalizo e faço minhas as palavras de alguns versos do poeta Thiago de Mello em “Canção para os fonemas da alegria”, que integra seu livro *Faz escuro, mas eu canto*:

Mas sobre o chão quem reina agora é um homem diferente, que acaba de nascer: porque unindo pedaços de palavras aos poucos vai unindo argila e orvalho, tristeza e pão, cambão e beija-flor, e acaba por unir a própria vida no seu peito partida e repartida quando afinal descobre num clarão que o mundo é seu também, que o seu trabalho não é a pena que paga por ser homem, mas um modo de amar - e de ajudar o mundo a ser melhor.³

Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. *De anima*. São Paulo: Editora 36, 2006.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A crise das instituições tradicionais produtoras de sentido. In

CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e Resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. Ed. Fundação Persu Abramo, 2014.

ENGELS, Friedrich. *Dialética da Natureza*. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

KUBRICK Stanley. *2001. Uma Odisseia no Espaço*, 1968.

MELLO, Thiago de. *Faz escuro, mas eu canto*. 6ª. Ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1980.

MOREIRA, Alberto; ZICMAN, Renée (Orgs.). *Misticismo e novas religiões*. Petrópolis: Vozes, 1994.

Recebido: 20/06/2016

Aprovado: 08/08/2016

³ T. de MELLO, *Faz escuro, mas eu canto*, p. 30).